REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:009

10 DE JANEIRO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISCONDE DE SANTAREM

Copia do quadro a oleo que vae ser inaugurado na Sociedade de Geographia de Lisboa

Chronica Occidental

Anno novo! Ha sempre não sei que alegria n'estas duas palavras: anno novo! Que lhe importa afinal ao mundo ter chegado ao extremo do eixo maior da ellipse? A divisão do tempo é o que ha de mais convencional e confessaremos até que, ao passarmos de S. Silvestre para a Circumcisão, nunca ouvimos o tal barulho de engrenagens velhas a que se referem certos auctores de mais ouvido ou de melhor fantasia.

Mas são alegres estas duas palavras: *anno novo*. E é então com contentamento, que todos, uns a outros, damos as boas festas, e eu as darei aos meus leitores. Boas festas!

Se houvessemos á mão a collecção do OCCIDENTE, procurariamos fazer uma revista do anno passado, não como a fazem revisteiros, que todos a esta hora, devem estar á pressa trabalhando, mas comparando o bom e o mau, pesando o tragico e o comico, para sobre o passado 1906, darmos, judiciosa e gravemente, a nossa sentença.

Mas para quê? O costume é achar-se quasi sempre máo o anno que passou e fazer um tagaté lisongeiro ao anno que nos apparece sorridente no horizonte. Lá virá tempo, e não tarda porque doze mezes são dois instantes, em que lhe diremos que nos não deixa saudades, todos nós cumprimenteiros para a aurora de 1908. A Sé, que é n'esta nossa terra o symbolo da velhice, assim o deve ter visto fazer a todos os bons lisboetas desde o começo da monarchia.

No dia 29, porque a typographia já impacientemente esperava o nosso original, dois pontos de interrogação nos ficaram sem resposta, embora, n'esse mesmo dia, dois factos importantes se passassem. Esperámos o anno bom para novamente falar do assumpto, e sob, o ponto de vista dos dois casos, merece o anno novo o cognome com que é de uso festejál-o.

Falava-se em 29, dia da chegada da familia real a Lisboa, vindo de Villa Viçosa, e dizia-se que os republicanos iriam talvez contrariar as manifestações que os partidos monarchicos tencionavam fazer no Terreiro do Paço ao sr. D. Carlos. Pois nada succedeu do que se temia, e no dia 2 de janeiro na recita de gala realisada no theatro de S. Carlos, ainda com maior expansão, as ovações se repetiram coadjuvando os vivas da pragmatica levantados pelo Presidente da Camara Municipal de Lisboa a El-Rei e a toda a familia real portugueza.

Não diremos que o nosso primeiro ponto de interrogação fosse negro, mas era cinzento. O segundo não, esse era côr de rosa, porque se referia ao exito que, n'essa mesma noite, havia de obter no theatro de D. Maria, o drama *Affonso de Albuquerque* do nosso querido Lopes de Mendonça. Este homem teve alguma vez a infeliz idéa de dizer bem de mim, o que me impede de confessar, embora com toda a franqueza, o muito bem que penso da sua peça e de elogiar o muito que ella veiu levantar os nossos brios de portuguezes. Vinha logo toda a gente falar no elogio mutuo e dar-me a mim por suspeito e accusar o Lopes de Mendonça de andar, até pelos jornaes mais humildes, mendigando reclamos.

Limitar-me-hei portanto a citar factos e dos factos a eloquencia é já um logar commum.

O enthusiasmo da primeira noite ainda não esfriou. As enchentes á cunha deixaram de ser a hyperbole vulgar de que usam emprezarios em vesperas de fallir. A peça tem hoje nove ou dez recitas e, desde que a actual sociedade tomou conta do theatro, cremos que nunca uma tal media lhe alegrou os cofres. Ainda que eu não fosse amigo de Lopes de Mendonça, tinha lhe succedido o mesmo. Todos os actores representam o drama com os maiores esforços para que só possa o conjuncto ser elogiado. Desde o grande papel de Brazão, representado com aquelle brilhantismo que fez do grande artista uma gloria portugueza, até á mais pequena rabula, não tem Lopes de Mendonça motivo para uma queixa contra um actor.

Era dever d'elles, por todos os motivos proceder assim, sobretudo no momento em que está por decidir a sorte do theatro de D. Maria. Dever era de artistas, mandava-lh'o o amor proprio.

E cá estamos nós a ver outro ponto de interrogação que na proxima chronica havemos de deixar sem resposta. É no dia 19 d'este mez, que no Ministerio do Reino se fecha o concurso para a adjudicação d'este theatro a quem mais uns centos de mil reis offerecer para sua exploração. Que beneficiam os cofres do Estado, não ha duvida; que a arte beneficie está por ver.

Mas deixemos os futuros pontos de interrogação e vamos ao de hoje, que só poderá ter resposta na proxima chronica. É quasi noite, como ha dez dias; amanhã tem o jornal de sahir e onde ha gravuras que levam tempo a dispôr e uma paginação de vespera, não ha novidades de ultima hora.

Refere-se este nosso actual ponto de interrogação, á estreia de Eduardo Schwalback, que, talvez a esta hora, se deve estar realisando na camara dos deputados.

Quiz o acaso que um signal orthographico me servisse de transição do theatro para a politica Tratando-se de Schwalback dispensava-lhe o favor. Quem não conhece as comedias, desde *O Intimo*, e as revistas com que, por tantos annos, sustentou — o verbo está bem mettido — os theatros de Lisboa? Já n'esse tempo o bicho máo da politica lhe andava a roer o interior; na politica entrou deveras, dirigindo um jornal do partido regenerador; continua na politica. Deve hoje fazer sua estreia falando contra a proposta da nova lei de imprensa. Basta desejar-lhe exito e futuro eguaes ao que no theatro obteve, quando de sua primeira peça, para conhecer-se que são votos de amigo.

Reabriram as camaras no dia 2, conforme as praxes e só uma frase do discurso da corôa — aliás curtissimo, como não podia deixar de ser — tem motivado commentarios; aquella em que o rei se define perante a nação. O Principe real atraz do coche em que iam seus paes, acompanhava o esquadrão de lanceiros, levando a bandeira do regimento. Foi por todos os monarchicos elogiada a idéa de apresentar n'esse dia S. Alteza, cumprindo um dos seus deveres de militar.

Muitos olhos seguiram com sympathia aquella figura gentil, ha dias erguendo a bandeira azul e branca, devendo, um dia, de enpunhar o sceptro.

As sessões nas duas camaras teem corrido placidamente. Na camara dos pares é que se espera alguma agitação no debate da reforma do regimento, projecto contra o qual alguns oradores se inscreveram dos mais distinctos.

Nove dias assim decorrendo tão serenos foi caso quasi de admirar-se, pois já não andavamos costumados a tanta serenidade. Em pleno mez de janeiro o barometro tem marcado mais de 780 millimetros. Parece que os politicos mostram desejos de não andarem por caminho differente d'este tão lindo, que é indicado pela natureza. O céo azul parece que espelha na sala das sessões alguns dos seus tranquillisadores effluvios.

O não termos que nos occupar de politica — coisa tão rara n'estes ultimos mezes — dá-nos tempo para nos podermos referir a outros assumptos, entre os quaes alguns bem tristes, como foi o da inesperada morte d'um homem por todos os titulos respeitavel, a qual, por não ser prevista, muito commoveu a cidade. Referimo-nos ao distincto medico Ferraz de Macedo, distincto professor da Escola de Lisboa e Director da Hygiene Publica.

Na primeira chronica do anno é triste logo termos de lamentar a morte d'esse homem tão illustre e bemquisto, mas d'algumas alegrias falámos, e o mundo é assim. Nunca haverá anno novo que entre sem que traga algum luto comsigo.

Fala-se agora na electricidade como tendo grande influencia na arterio-sclerose. Os que vão entrando na velhice, sorri-lhes essa idéa de talvez ainda poderem combater um mal julgado inevitavel até hoje e que era o carrasco dos velhos, que por ahi andavam esquecidos da morte, com bons pulmões e com forte estomago.

Ora deixasse-nos 1907 ao findar tão boa nova como 1906... se não fôr mentira.

JOÃO DA CAMARA.

Visconde de Santarem

Realiza-se no dia 14 do corrente na *Sala Portugal* da Sociedade de Geographia de Lisboa, uma sessão solemne para inaugurar o retrato a oleo do segundo visconde de Santarem, Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, que, seu neto, o actual visconde de Santarem, acaba de offerecer áquella benemerita instituição.

Este acto representa o pagamento de uma divida nacional á memoria de um portuguez por todos os titulos digno da homenagem que a Sociedade de Geographia, em nome do paiz, lhe vae prestar, como tributo de reconhecimento, embora tardio, pelo seu monumental trabalho historico e geographico.

A oração adequada a esta solemnidade é do illustre official da marinha de guerra e distincto escriptor Vicente d'Almeida d'Eça, cujo talento, tanta vez evidenciado na sua larga carreira publica, lhe deu fóros de preferencia para o desempenho da missão, aliás importante, que lhe está confiada.

O segundo visconde de Santarem, filho do primeiro visconde do mesmo titulo, João Diogo de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, nasceu em Lisboa a 18 de novembro de 1791. Concluida a sua educação no Collegio dos Nobres, partiu em 1807 com a familia real para o Brazil, e ahi contrahiu matrimonio com D. Maria Amalia Saldanha da Gama Mello e Torres, filha do 6.° conde da Ponte e Governador da Bahia.

Gosando do favor régio e da estima e consideração dos homens eminentes no paiz, cuja sympathia conquistava pela affabilidade de trato e muito saber, não tardou que o Governo, reconhecendo-lhe as faculdades superiores de talento, o encarregasse de uma missão diplomatica á França, em que se houve com a proficiencia de que já antes déra provas, quando acompanhou seu tio Antonio Saldanha da Gama ao congresso de Vienna.

Por morte de seu pae em 1818 é agraciado com o titulo de visconde de Santarem, titulo creado por D. Maria I, para recompensar os serviços de João Diogo, e entra na posse por direito de successão das honras de 2.° senhor de Pontevel, Ereira, Lapa, e Fogaças de D. Belida; 2.° alcaide-mór de Santarem, Golleгã e Almeirim, 6.° senhor do morgado de Vaqueiros, e dos cargos de official-mór da casa real, guarda roupa de D. Maria I e cartorario de fazenda da real casa de Bragança.

Nas differentes missões de que officialmente foi encarregado houve-se por maneira tão distincta, que fazia honra ao mais consumado diplomata, e por isso, era naturalmente indicado para occupar um logar proeminente na carreira diplomatica, que, sob tão bons auspicios havia encetado; e assim succedeu, sendo em 1819 nomeado ministro em Copenhague.

Pouco demorada foi a sua permanencia n'esta cidade, pois não concordando com a mudança politica que então se operou no reino era exonerado d'aquelle cargo.

Regressando a Lisboa dedica-se aos estudos historicos para os quaes manifestava especial tendencia, e é nomeado em 13 de julho de 1824 guarda-mór do real Archivo da Torre do Tombo, e confirmado no mesmo logar por despacho de 28 de agosto de 1827.

Em 8 de julho d'este anno é chamado aos conselhos da corôa pela Infanta D. Isabel Maria e encarregado da pasta do reino, de que foi exonerado em 6 de setembro do mesmo anno em consequencia de não conceder varias mercês honorificas a certas individualidades, cuja influencia palaciana era bem conhecida como se prova da sua exoneração.

Não esteve, porém, muito tempo fóra dos conselhos da corôa, por que logo no anno seguinte, a 13 de maio, é nomeado por D. Miguel ministro, e encarregado da pasta dos negocios estrangeiros, dando-lhe assim uma prova da sua estima e confiança, ao mesmo tempo que lhe manifestava o seu reconhecimento pela dedicação com que servia a sua causa, de que era um dos partidarios mais convictos.

A estima de principes não raras vezes é de simples apparencia, e em geral é um attributo desconhecido em tão alta gerarchia. D. Miguel seguiu a regra a que houve apenas uma excepção e essa constituiu-a o principe D. Pedro, depois D. Pedro V, esse saudoso monarcha, cuja memoria como homem, como principe e como rei existirá sempre entre nós como vivido exemplo da pratica das mais excelsas virtudes.

Ora o visconde de Santarem, apesar de frequentar desde muito novo os paços reaes e possuir em alto grau o perfeito conhecimento dos deveres de cortezia, nunca se habituou ás praticas palacianas, faltando á verdade ao seu rei e senhor. N'estas circumstancias era de prever que não gosaria por muito tempo da confiança do principe a quem votava a maior estima e affecto, e ao serviço do qual dava o melhor do seu talento, empregando todos os recursos da sua vasta intelligencia, para que a causa que tão devotadamente abraçara creasse solidos alicerces.

Parece que a origem principal do desagrado de D. Miguel para com o visconde de Santarem, proveiu da opinião d'este ácerca das bases em que devia ser concedida a capitulação de D. Pedro, quando este principe viu quasi perdida a causa que defendia com tanto ardôr.

O documento referente a este assumpto, que tantos attritos e difficuldades levantou, encontra-se publicado na *Chronica Constitucional de Lisboa*, de 17 de setembro de 1833, e, na opinião de um erudito, *faz honra ao visconde de Santarem, á lucidez do seu espirito e á sua perspicacia politica.*

De nada serviu tanta dedicação. O seu trabalho como ministro dos negocios estrangeiros, n'um periodo anormal e por conseguinte mais difficil, foi inutilisado! O seu conselho e serviços, dispensados! e ainda depois de ser substituido na pasta dos negocios estrangeiros pelo ministro da guerra, conde de S. Lourenço, para que o odio contra elle fosse bem manifesto, é obrigado a ficar em Abrantes, quando D. Miguel com a sua côrte estacionava em Santarem.

Esta é a moeda com que ordinariamente se paga aos mais leaes e dedicados servidores.

Profundamente desgostoso e abalado moral e physicamente com taes factos, vendo como os seus serviços eram apreciados e conscio do muito que trabalhou a favor do absolutismo, retira-se da politica, protestando assim contra as infamias de que fôra victima, abandona a patria e vae para Paris, onde passa o resto da vida no convivio dos sabios e entregue ao estudo das sciencias geographicas de que era fervoroso apostolo.

Terminada, como deixamos dito, a carreira politica do segundo visconde de Santarem, novos horisontes se desenrolam na sua vida, por ventura com mais brilho e mais fulgôr.

Os trabalhos que emprehendeu desde que partiu para Paris em 1834, até á sua morte occorrida em 17 de janeiro de 1856, são de tal importancia, os seus estudos historicos e geographicos de tão grande valor, que lhe grangearam a fama de sabio e lhe abriram as portas de doutas academias, sendo o primeiro estrangeiro admittido ao Instituto de França!

As sciencias geographicas devem-lhe muito. Todavia a sua principal obra *Essai sur l'histoire de la cosmographie*, não só revela vasta erudição e profundo conhecimento de todos os escriptores que até então trataram do assumpto, como tambem veiu derramar muita luz na historia da cosmographia e carthographia da edade média.

Consultado por nacionaes como o conde de Lavradio, e estrangeiros como C. Ritter, barão Walckenaer, Humboldt, etc., que tinham por elle a maior consideração, a sua palavra era sempre acatada, a sua opinião seguida como sendo o Alcorão das sciencias geographicas que tão profundamente cultivava!

Chegando ao conhecimento do Governo a noticia dos estudos que o visconde de Santarem andava realisando, que eram uma honra para Portugal e uma gloria para o visconde, deu-se pressa em lhe confiar certos trabalhos officiaes que se relacionavam com aquelles estudos, e levou ao parlamento um projecto de lei arbitrando-lhe o subsidio de seis contos de réis annuaes, para fazer face ás avultadas despezas da impressão de tão importantes estudos.

Foi o visconde de Santarem uma das maiores capacidades do seculo XIX, mas sempre ignorado do vulgo, pela natureza especial dos seus trabalhos; este facto porém não diminue o valor das suas obras, porque os sabios, os apostolos da sciencia, respeitaram-o tanto em vida, como os de hoje veneram a sua memoria.

Como já dissémos foi o primeiro estrangeiro admittido no Instituto de França, distincção só concedida a nacionaes, mas não foi a unica, porque elle fazia parte de todas as sociedades geographicas, das academias de Lisboa, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, S. Petersburgo, Napoles, Munich, Milão, etc., e possuia as grã-cruzes portuguezas de Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; hespanholas de Izabel a Catholica e Carlos III, Cruzeiro do Brazil e as commendas de S. Thiago, Torre e Espada, e Santo Sepulchro.

A sua modestia egualava ao seu talento. O seguinte facto referido por seu filho o fallecido visconde de Villa Nova da Rainha, bem o denota. «Estando D. Pedro V em Paris assistindo a uma recepção nas Tulherias, com o Imperador Napoleão III, achava-se confundido na multidão o visconde de Santarem. Notando o Imperador que D. Pedro o não distinguisse, extranhou o facto e disse-lhe: *Vous ne le connaissez pas? Mais c'est le vicomte de Santarem.* Então D. Pedro, com aquel la encantadora cordealidade, que era um dos maiores attractivos da sua notavel individualidade, encaminha-se para o visconde, pede-lhe desculpa de lhe não ter fallado e disse-lhe, o que era perfeitamente verdadeiro, que o não conhecia de vista. Pediu-lhe desde logo que o procurasse todos os dias antes d'almoço, para conversarem largamente nos assumptos que eram o objecto da preoccupação do visconde, e ao mesmo tempo da predilecção do moço talentoso e instruidissimo soberano. N'essas longas conversações muitas vezes insistiu D. Pedro com o visconde de Santarem para que voltasse para Portugal, mas este eximia-se ao convite, allegando que era impossivel em Lisboa encontrar os elementos de estudo que tinha na capital franceza.»

— *Tem razão*, disse-lhe D. Pedro, *a esphera intellectual de Portugal não é bastante larga para o visconde.*

Bem haja pois a Sociedade de Geographia na homenagem que lhe vae prestar, fazendo reviver a memoria do segundo visconde de Santarem, cujos restos mortaes devem ser recolhidos no pantheon de nossos maiores a que incontestavelmente tem jus, quem tão alto soube levantar o nome da patria que lhe foi berço, pugnando pelos seus direitos e cobrindo-a de gloria.

M. A. Ferreira da Fonseca

DISPENSARIO DE SANTA ISABEL

A freguezia de Santa Isabel, em Lisboa, é a mais populosa da cidade e por isso uma de aquellas onde abunda mais pobreza reclamando os maiores auxilios da assistencia publica, sobre tudo para as creanças, que mais soffrem e são victimas inconscientes da miseria.

Para acudir quanto possivel a este grande mal, organisou-se naquella freguezia uma commissão de beneficencia, tendo á sua frente o benemerito paroco, rev. dr. Santos Farinha, que á fiel observancia do sacerdocio cristão, em que afirma as excellencias de seu bom carater, junta a superioridade de seu espirito culto, realçado por dotes de reconhecido talento.

Com taes predicados não foi dificil ao rev. dr. Santos Farinha captar simpatias para a santa causa em que se empenhava alcançando a adhesão de pessoas que melhor o podiam auxiliar, e assim fundou ha dois annos na freguezia de Santa Isabel um Dispensario para as creanças da sua paroquia.

No dia 6 do corrente passou o segundo anniversario desta fundação, o qual foi celebrado com uma sessão solemne a que presidiu o sr. conselheiro Rodrigo Affonso Pequito, servindo de secretarios os srs. rev. dr. Santos Farinha e Luiz Derouet, no meio de uma assembleia numerosa e distinta, em que predominavam as senhoras, que são sempre as que mais devotadamente correm em auxilio d'estas instituições de caridade.

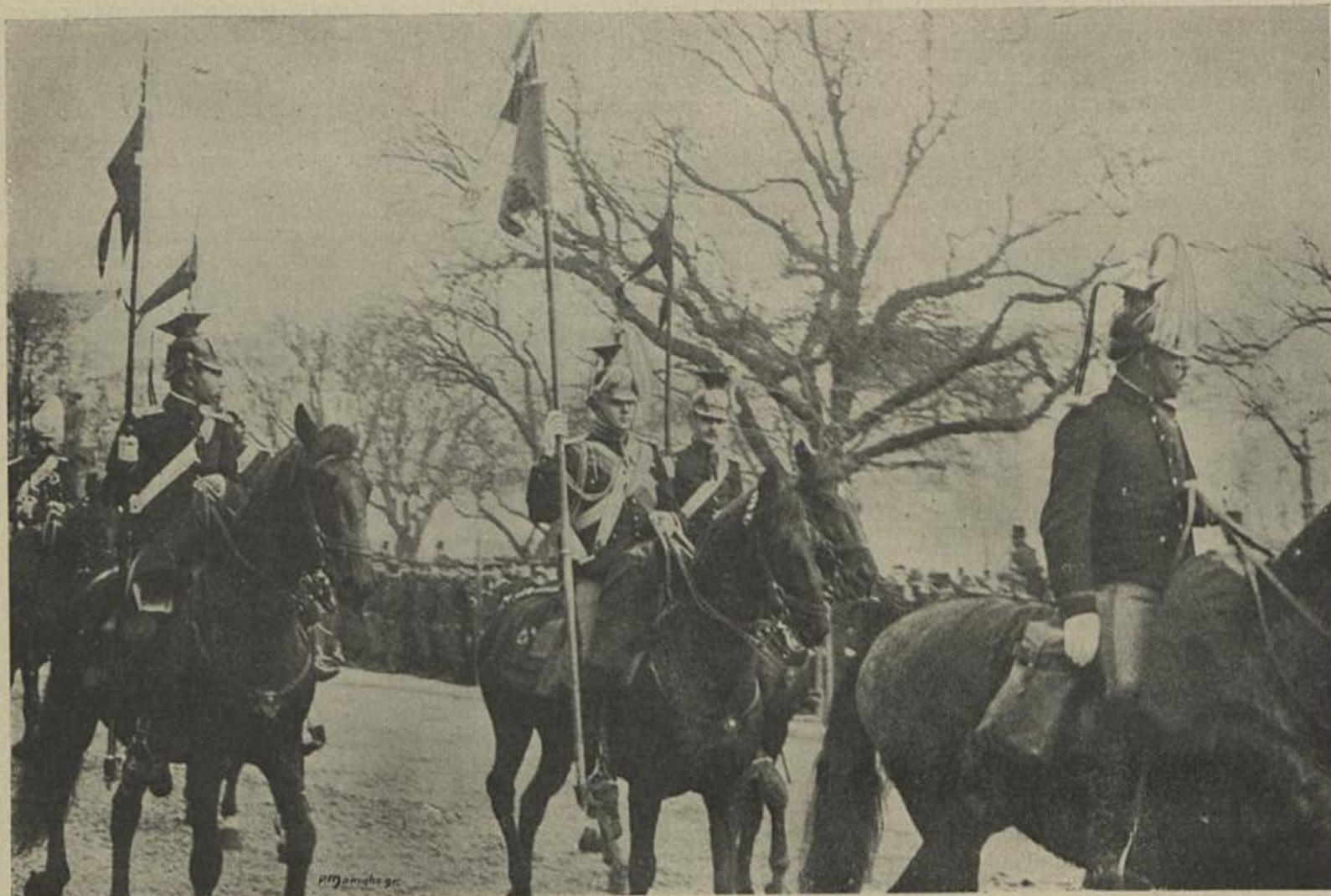
Nesta sessão commemorativa foram inaugurados os retratos dos srs. drs. Bettencourt Ferreira e Correia Dias, medicos do Dispensario, a que tem prestado sua valiosa cooperação como clinicos desvelados no tratamento das pobres creancinhas, com aquelle amor e caridade que eleva as almas e as une no santo principio da solidariedade humana.

Anjos da guarda lhes chamou o rev. dr. Santos Farinha no eloquente e caloroso discurso com que abriu a sessão, e sem duvida aos cuidados da sua ciencia estão entregues os centenares de creanças que recebem tratamento no Dispensario.

Hoje mais do que nunca reclama todos os cuidados da ciencia a extraordinaria mortalidade das creanças, que infelizmente as estatisticas de todos os paises acusa, e que entre nós mais avulta ainda.

No relatorio que os dois illustres clinicos apresentaram á assembleia, destaca-se muito especialmente este triste facto que se filia na miseria e na ignorancia, as quaes andam sempre associadas. A mortalidade excessiva das creanças já não é só nas cidades, nos grandes centros, onde a miseria avulta; estende-se tambem aos campos onde aquella já chega e a ignorancia é ainda maior.

A maior parte das creanças que morrem de um até cinco annos, finam-se victimas de maus

ABERTURA DO PARLAMENTO

S. A. o Principe Real D. Luiz Filippe levando a bandeira do Regimento de Lanceiros, que acompanhou S. M. El-Rei D. Carlos á abertura do Parlamento. *(Vide Chronica Occidental)*

DISPENSARIO DE SANTA ISABEL

Membros da Direcção: Rev.do Dr. Santos Farinha, Conselheiro Rodrigo Affonso Pequito, Luiz Derouet, José Roldão, e enfermeiras D. Carlota e D. Isabel Santos, D. Guilhermina e D. Laura Gomes da Matta, D. Maria do Resgate.

(Cliches Benoliel)

Exposição de lavores no Palacio dos Srs. Condes de Magalhães

RENDAS E ALMOFADAS DE SEDA COM PINTURAS

tratos, da falta de higiene e de alimentação apropriada, e muita vez de fome.

O relatorio apresenta dados estatisticos que confirmam plenamente as causas acima determinadas, que os benemeritos clinicos teem podido observar nas creanças, que diariamente são levadas ao Dispensario.

E' assim que em Lisboa a estatistica acusa por cada mil nascimentos 226 obitos infantis, quasi o dobro do que sucede em Paris, onde o clima é menos favoravel ás creanças.

De dezembro de 1905 a novembro de 1906 foram tratadas no Dispensario 471 creanças, das quaes 5 tiveram de ir para o hospital, por ser impossivel tratal-as em consulta externa, e faleceram 31, pelo que a mortalidade foi inferior a 7 por cento, predominando nesta mortalidade as enterites e as bronquites.

Por estes simples dados se vê os grandes beneficios que presta á infancia o Dispensario de Santa Isabel, e quão benemeritos são os seus fundadores e quantos concorrem com seus donativos ou serviços para a sua sustentação e desenvolvimento.

Em o numero d'estes conta-se o sr. dr. Sousa Teixeira que no intuito de coadjuvar os seus colegas no Dispensario, ali instituiu consulta especial para doenças de garganta, do nariz e dos ouvidos, o que representa um bom auxilio clinico a esta caridosa instituição.

E o que diremos das senhoras que tem sido incansaveis em auxiliar os serviços do Dispensario, ajudando e fazendo curativos aos pequeninos doentes, velando por elles e pela boa ordem daquelle instituto, distribuindo socorros e promovendo donativos, com a maior solicitude e zelo inexcediveis?

Essas senhoras tem seguramente o premio, na grande consolação que sentem em praticar o bem. No relatorio, lido pelo sr. dr. Correia Dias, nomeiam-se as senhoras que mais se tem interessado nos serviços prestados ao Dispensario e são: D. Carlota e D. Isabel Santos, D. Maria do Resgate Pereira, D. Francisca Velez Caldeira, e D. Laura Gomes Matta.

No mesmo relatorio se faz referencia aos serviços prestados pelo sr. José Roldão, ao Dispensario.

Estimamos ter ensejo de nos referirmos nesta revista, em que se vae relatando toda a vida da sociedade portuguêsa, a mais uma instituição de caridade, que tão grandes beneficios está prestando a Lisboa, cidade que para em tudo se desenvolver e progredir até na miseria que por ella se alastra, assume proporções assustadoras.

EXPOSIÇÃO DE LAVORES

Inaugurou se no dia 5 do corrente, no palacio dos srs. Condes de Magalhães, uma interessante exposição de bordados, rendas e outros lavores, incluindo tambem alguns trabalhos de pintura sobre seda, louça e de aguarelas, que foi um verdadeiro acontecimento artistico em Lisboa.

Essa exposição, cujo produto das vendas é destinado á edeficação de um dos altares do Templo Monumento á Immaculada Conceição, que se está erigindo na Avenida Antonio Maria de Avellar, foi promovida por uma commissão composta das sr.as Marqueza de Rio maior, Condessa de Sabugosa, D. Catharina de Sonsa Coutinho, D. Leocadia Sant'Anna e Vasconcellos, Condessas de Carvalho e da Ribeira (D. Maria da Pureza), D. Maria Joaquina de Saldanha da Gama, D. Carlota de Faria Campos, D. Maria Emilia da Cunha

A AGUARELA DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA E O PANNO DE MESA COM RENDA DA SR.ª D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO
(*Clichés Benoliel*)

e D. Maria do Carmo da Cunha, coadjuvadas pelo bem conhecido capitalista sr. Manoel José da Silva, que muito obsequiosamente se prestou a auxiliar estas senhoras no seu louvavel intento.

A exposição foi inaugurada por SS. MM. El-Rei D. Carlos, Rainha D. Amelia e S. A. o Infante D. Affonso, com uma numerosa concorrencia de senhoras da nossa primeira sociedade, alcançando logo este interessante certamen artistico um exito que excedeu toda a espectativa.

No vasto e lindo jardim de inverno do palacio Magalhães e estendendo-se ainda pela rica sala de baile, foram despostas as primorosas obras que se vêem nesta nova quanto agradavel exposição.

Muitos são os trabalhos de apreço que ali se encontram, principiando por uma linda aguarela de S. M. a Rainha D. Amelia, represetando um grande cogomelo, nota artistica de fino gosto e elegancia, sendo-nos, porem, impossivel, nos estreitos limites desta noticia, mencionar todas as obras que ali se encontram, não deixaremos comtudo de notar um grande panno de mesa em verde escuro sobre que assenta uma preciosa renda, como todas as que sahem das mãos da sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, artista consumada; um paramento completo para missa, em seda branca, pintado em flores e com bordados a prata, pela sr.ª D. Marianna Gaivão, verdadeira obra de arte; umas peças de porcelana com pintura, imitação de Sèvres, por Mademoiselle Silva, trabalho que foi muito apreciado por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, assim como outro no mesmo genero do sr. D. Luiz Estephanio da Silva; uma almofada para missal, em sêda bordada a ouro e matiz pela sr.ª D. Anna Loforte da Fonseca, e emfim tantos outros trabalhos artisticos que muito desejavamos mencionar, mas para que nos falta espaço, incluindo os das alumnas de alguns colegios e casas de educação como das educandas do Sagrado Coração de Jesus da Congregação das Filhas de Maria, Colegio das Missões, do Quelhas, Colegio Inglez, do Sagrado Coração de Maria, do Porto etc., etc.

A esta exposição enviaram seus trabalhos muitas senhoras da primeira sociedade de Lisboa e da provincia pois todas quizeram concorrer para o fim piedoso a que se destina.

Ali tem sido, nos ultimos dias o ponto de reunião da sociedade elegante, como do publico em geral, que tem ido admirar os primores das obras expostas, tendo-se realisado vendas importantes e boa receita, produto das entradas e das sortes vendidas pelas senhoras em duas elegantes barracas armadas no jardim de inverno.

Se o fim piedoso a que este encantador certamen se destina enleva as almas crentes que se afervoram na devoção do culto á Virgem, outro culto ali se presta á arte tão levantadamente representada em obras dignas de admiração, produzidas na sua maior parte por mãos femininas, mãos de consumadas artistas.

LITERATURA DINAMARQUÊSA

A BOLAXA D'EMBARQUE

POR

HOLGER DRACHMANN

«Queira sentar-se»—disse-me elle. Procurei com a vista uma cadeira em que pudesse sentar-me. Nem sombras. As poucas que havia no cubiculo tinha tomado posse d'ellas a pequenada, cinco garotêtes de cabello encaracolado, a brincarem á «esquadra inglêsa de couraçados».

O fiscal da alfandega deitou a mão a um dos mais possantes cascos de navio, ergueu no ar a braço tendido, alimpou-lhe o tombadilho com um lenço d'algodão e apresentou-m'o, ao pásso que repetia o seu convite—Sentei-me.—Tem um ranchinho bem bom! observei a contemplar a ninhada.

Elle, riu-se para mim, com aquelles seus olhos vivos, buliçosos e chocarreiros. Era fadado com essa casta de genio invulneravel, misto de despreoccupação e de filosofia adquirida—que uma pessoa em momentos de desanimo é levada a desejar á sua nação em pêso. Aguentam-se melhor os tempos ruins, e quando vem os dias propicios, o humorismo não descamba em arrogancia. Uma grande parte da classe-media, infelizmente, é propensa a cair nesse excesso—quer em terra quer no mar.

Tinha virado para mim o rosto, que recebia a luz refracta da janéla.

A ponta do nariz apresentava a marca do facalhão de um pirata chinês; e comtudo, o gilvaz não concorria a desfigurar tão importante pormenor fisionómico. O queixo era possante, denunciando resolução; as suissas grisalhas, aparadas muito curto; a testa, escampada e rigida, dir-se-ia feita para marrar em esquinas de portas, armarios e paredes. Era a cara de um marinheiro que se não transformara ainda na de um funccionario. A expressão resoluta provinha das prégas, logrativas, aos cantos da bôca, e ainda mais da esperteza bonacheirona dos olhos.

—Temos seis, ao todo—contando com o pequerrucho que veiu já fóra da conta. Trazem gasto, lá isso trazem, e a gente gasta-se por amor delles—e comtudo isso, uma pessoa não se conforma em ficar sem algum delles—quando vem a acontecer. Heraldo! não batas no Pedro. Pedro! Dá-lhe antes uma bolaxa de embarque.

E nesta altura, o fiscal contou o caso da bolaxa de bórdo.

—Viver com pouco, todos pódem, lá isso pódem, quando não tem outro remedio. Que elle, ás vezes, diga-se a verdade, ainda é menos que pouco. Que me diz por exemplo a principiar vida com um ordenado de 450 marcos, e com isso, sustentar marido, mulher e dois filhos?...

—Principiou com esse ordenado?

—É como diz; e principio que durou tempo a valer: muito mais que os 450 marcos. E eu era casado, não sei se sabe!—Já tinhamos um pequerrucho. O morgado, que teve pressa demais em vir a este mundo. Dahi a pouco appareceu o segundo, quasi que sem ser esperado—se olharmos ao registo do baptismo. Tanto eu como a mãe eramos doidinhos um pelo outro, e queriamos muito aos pequenos, e a sogra vivia comnosco—contra a ordem.—Fui despachado por nomeação regia, ajudante de fiscal da alfandega em *S. Havn*, e a mãe e a sogra e mais os pequenos viviam na cidade, num terceiro andar, na parte de trás do predio, na rua de Reverens e faziam gravatas para os soldados, çapatos de ourelo, e outras miudesas. Recebiamos os 450 marcos até o ultimo schelim, e eu roía-lhe o carôlo—Estava na ordem.

—Visto isso, vivia apartado da familia?

—Pudéra!—Não que nós, lá em *S. Havn*, teriamos todos morrido de fome.—Demais a mais a respeito de tropa o que havia por lá era um borrachão de um official inferior que nunca mudava de gravata, e lá quanto a çapatos de ourelo, era fazenda que não tinha gasto por ali. E, vae, disse eu comigo: Não é nada alegre a situação!—E d'ahi, nem tudo são alegrias neste mundo! O fato já me andava a açoitar o corpo como as vélas ao mastro do navio, em calmaria; e não estivera eu afeito desde rapaz á magra ração a bordo do calhambeque, como teria podido viver do ar?

O official inferior, uma vez por outra, convidava-me a beber uma pinga e a petiscar uma lasca de presunto; e dava-se o caso de se chegarem a passar oito dias, sem elle proprio ter nada que levar á bôca,—inclusivè a pinguinha—que era para elle o prato de resistencia—coisa em que eu, e não é por me gabar, fui sempre muito moderado. A situação ia-se prolongando.—e havia que olhar pela pequenada. O trabalho não nos matava. E eu tinha tempo de sobejo, para pensar no futuro. Ia á caça de vez em quando, ou pescava o meu peixinho, e assim ia vivendo tal qual tinha presenceado viverem os selvagens—com a differença que nunca enguli o official inferior,—que elle, com bem o digamos, nem pelo aspecto nem pelo cheiro tinha nada de apetitoso.

Até que um dia, intortaram-se ainda as coisas muito mais. Recebera uma carta da minha serva de Deus, participando-me que, em resultado da minha ultima visita a casa, se estava á espera de um acrescimo no rol da humanidade, lá na rua de Reverens. Nós todos somos homens. Nem é caso que sofra discussão. O parroco ensina-nos os nossos deveres, e, conforme lhe disse já, eu e a mãe eramos doidinhos um pelo outro. Mas a coisa estava torta como a breca.

Eu estava sentado para ali no parapeito da velha fortaleza, a olhar para o mar, e se não fosse a fome de três dias, o espectaculo era lindo a valer. Não podia levar á paciencia que, em vez daquella agua toda, não estivesse antes ali boa cervejinha de embarque, e em lugar do montão de penedos, boláxa de munição. Davam-me ganas de lhe ferrar o dente—tal era a saudade que eu tinha da bolaxa—mas lembrei-me da dentuça e deixei-as em paz e socego.

Neste comenos eis que vejo vir surgindo uma galeota, que me pareceu ser de Suvendborg, e lançar a ancora ao mar. Nem sei porquê ou porque não, mas desci por ali abaixo á praia, saltei para a lancha, que ali está sempre de prevenção, e remei para o navio.

Sempre era uma distracção, sequer ao menos. Subi para o convez e perguntei pelo capitão; estava em baixo, no camarote. Fui ter com elle e dei-lhe os bons dias, e o capitão que acertou ser de Suvendborg, deu-me os bons dias tembem, e eu sentei-me, e quer os olhos quer o nariz denunciavam-me o haverem acabado de jantar.

Pus-me a falar nisto e naquillo, no vento e na maré, e vae elle, de repente, perguntou-me:

—Vae uma pinga de café?

—Está dito, tornei eu. Que eu, cá, comi e bebi, não ha ainda um quarto de hora—boa sopinha, carne, pasteis e a boa cerveja d'embarque.—mas a uma chavena de café nunca se diz que não.

—Hé—lá, mestre cuco! chamou o capitão, vê se trazes duas chavenas de café, e açucar candi!... E nisto pôz uma garrafa de rhum em cima da mêsa.

Fomos entrando pelo café e pelo rhum, e, se quer que lhe fale verdade, sabia-me a pouco. Mas não o dei a perceber, e démos á linguà ácerca disto e daquillo, do vento e da maré; e nisto calhou tornar a apparecer o mestre cuco e sacou o que quer que fosse de dentro do banco em que nós estavamos assentados. E eu deitei o luzio para debaixo do banco, e que heide eu vêr: estava atulhado de rica bolaxa de bordo, da mais taluda.

—Que vem isso a ser, ahi dentro? perguntei a apontar para a bolaxa.

—Onde? emitiu o capitão a olhar para baixo.

—Ora espera, querem vêr que é a minha rica bolaxinha de embarque, coisa porque eu dou o cavaco?

—Hé! hé! cascalhava o de Suvendborg e sacou do monte uma bolaxa.

—É capaz de entrar com ella?

E vae eu,—como quem satisfaz um desejo,—ferro o dente na bolaxa e arranco-lhe um naco atrás de outro e ponho-me a rir para o capitão.

—Ha um par de dias, disse eu, que os meus dentes se não amolam nesta petisqueira. Não, que um homem, quando desanda em rato de campo, como quem diz, um calhéo destes é como se caisse do ceu!

E eu a rir, e o capitão a rir tambem, e a saborearmos o café e a emborcarmos copinhos á saude um do outro, e vae dahi—assim a modo de chalaça—deito a mão a outra bolaxa, e prego com ella no bolso do casaco.

O capitão pôs-se a olhar para mim, e perguntou-me, muito espantado:

—Para que diacho quer vossê isso?

—Eu lhe digo, tornei-lhe eu—tenho lá por casa uma miuçalha, e com o romper dos dentes tem sido um tormento E lá a vélhota, dil ella, que não ha coisa que os alivie da raiva nas gengivas como é dár-lhe bolaxa de bordo a rilhar. E nós lá em terra é coisa que não apanhamos. E em vista disso—se me dá licença?

—Ora essa! leve o que quizer! acudiu o capitão. E agora por isso, deixe estar que a heide recommendar á minha serva de Deus. Que lá por casa, com atal obra dos dentes, tambem tem sido um castigo! E nisto o maritimo de Suvendborg deu-me uma braçada de bolaxa.

Vim para terra, e vivi—não lhe digo mais nada. E a cada dentada que ferrava na bolaxa, tudo era lembrar-me dos pequenos, lá em casa. Lá que era uma burla, lá isso era,—mas que remedio? Um homem, quando entrega tudo quanto ganha á familia, honradamente...

—Não é muito que ponha de parte a bolaxa de embarque, para entreter o dente—commentei.

M. Macedo.

INVOCAÇÃO

... Cheia de Graça, o Senhor é comvosco, bemdita sejaes entre as mulheres...

Maria—Espirito luminoso e diaphano—que baixas dos ceus n'aquella hora dubia do crepusculo, quando o sol desmaia e a noite desdobra a constelada tunica... Maria! és Tu minha Mãe, Mãe de nós todos, filhos do Homem pela carne, filhos de Deus pelo Espirito...

Maria—Espirito luminoso e diaphano—és tu que vens silenciosa e subtil, semi-envolta n'uma nuvem transparente... Vens approximar-te de mim, olhando-me piedosa, amargurada...

E's Tu—Senhora Nossa—aureolada de estrellas, que os meus olhos vêem, ao descair da tarde estiva do outmno, quando a Natureza vae dormir, e, como noiva se despoja das vestes de galla, e cuidadosa as guarda—cantos, flôres, perfumes, o azul do mar e do ceu ..

Bem te destingo — Espirito luminoso e diaphano! Assim tambem, com o mesmo olhar, fitaste um dos maiores poetas da minha terra; e elle, o triste — embevecido cantou:

. . . .

. . . .

Olha-me assim callada, assim chorosa
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Ah! Senhora, como foi cruel o despertar d'esse sonho!

. . . .

Mãe!

Vejo-te. E a nuvem, que é o teu manto, occulta-me o mundo exterior... Arvores prados, montes, aguas, tranquillas e azues do Occeano, tudo desapparece. Só o perfume das magnolias, que entreabrem as petalas brancas pela tardinha, embalsama a atmosphera morna.

Mãe!

Deixa-me fallar-te; desabafar comtigo as maguas do meu coração, onde refluem as maguas dos meus irmãos em Deus.

A' luz — á extranha luz sem egual diversa de toda a claridade d'onde emerge o Planeta — á luz dos teus olhos, Senhora, dobrados os joelhos e postas as mãos. Te invocarei, balsamo consolador guarida santa.

Invocar-te-hei, minha mãe, e se um raio da divina graça que te cinge a fronte, ao de leve me tocar — feliz de mim! que á geração contemporanea, tão sceptica e descrente, saberei fallar de Ti, do teu soffrimento, da tua fé, da tua coragem, da tua alta psycologia... E os scepticos hão de chorar commigo!

Mãe!

Se um raio da divina graça, que é o diadema de estrellas á volta da tua bella cabeça, ao de leve me tocar — a minha alma ficará tão branca, como as corollaes dos lyrios de Jericó — e o meu espirito que a desillusão alquebrou e tornou arido, levantar-se-ha para o azul mais leve do que a andorinha. Levantar-se-ha alegre, como o prisioneiro fugido ao ergastulo, ou como servo que despedaçou a grilheta.

E não venhas tu — Razão — com a ferrea vara da Logica bradar-me: pensa... quando entre as ondas do azul o meu espirito voluptuosamente mergulhar... Ah! não venhas, porque eu só te poderei responder:

Canto e sônho!

MARIO SANTA RITA.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro. 1906

Barometro. — Maxima 777^{mm},0 em 13.
» Minima 756,^{mm}8 » 27.
Thermometro. — Maxima 18°,2 em 4.
» Minima 3°,8 » 22

A minima em 28 foi de 3°,9 e a maxima de 7°,9. (Temperatura do dia 5°, 98). A's 3 horas da tarde d'esse dia o thermometro apenas accusava 4°,8, pouco vulgar no nosso paiz; de 29 para 30 elevação sensivel de temperatura. Em 2., ás 9 horas a m. marcava o thermometro 5°,3 e em 30 á mesma hora 13°,0.

Vento dominante. — NW.

Chuva. — 20^{mm},8 em 8 dias. Desde 1898 que não houve em Lisboa, um mez de dezembro tão secco.

Os mais seccos desde 1854, foram:

Em 1863, 0,8; em 1866, 20,6; em 1883, 19,1; em 1889, 7,0; e em 1898, 10,4.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 16 dias. — Nublado 15 dias.

Phenomenos meteorologicos. — Nevoeiros 2 dias. Evaporação media, 1,5.

Hygrometro. — Minima 32 em 19.
» Maxima 100 em 27, em 30 e 31 (durante todo o dia).

RESUMO DO ANNO

Temperatura. — Maxima 35°,3 em agosto.
» — Minima 2,2 em janeiro.
Chuva. — 463^{mm},8 em 101 dias.
Ceu limpo ou pouco nubelado, 175 dias.
Nubelado, 163.
Encoberto, 27.
Relampagos, 8.
Trovões, 7.
Trovoada, 5.
Nevoeiro, 16.
Granizo, 5.
Halos (Sol ou Lua), 8.

NECROLOGIA

Mundagaz, o Gungunhana

Decorridos vão dez annos sobre essa gloriosa epopeia das armas portuguêsas, nos tempos modernos, que pôz termo a uma campanha penosa e demorada em terras de Africa atravez das maiores dificuldades e sacrificios.

Referimo-nos á celebre campanha còntra o maior potentado da Africa Oriental, o Gungunhana, senhor do pais dos vátuas, duas vezes maior do que Portugal, estendendo ainda os seus dominios entre o sul de Lourenço Marques e o Transvaal até ao norte dos dominios português da Zambezia, e oeste dos Matabelles ou Muserícase, e até leste do distrito de Quelimane, Sofala e Inhambane, compreendendo cerca de duzentos regulos e povos tributarios.

O Gungunhana, nome de guerra com que se cognominou, o Mundagaz filho do potentado Muzila, e que quer dizer *Invencivel*, esse regulo terrivel, temido em toda a Africa Oriental, mas que por fim cahiu presioneiro ante a espada vencedora de Mousinho de Albuquerque, num rasgo de audacia talvez sem precedentes na Historia, teve agora a sua morte fisica, como ha dez annos tivera a morte moral.

Um telegramma recebido de Angra no dia 24 de dezembro findo, trouxe a noticia de ter morrido o Gungunhana de uma paralizia, que primeiro lhe tomou o braço e perna direita e que em poucas horas o acabou.

O Gungunhana, que desde 1884 governava os povos vátuas, era, segundo se lê na *Campanha d'Africa contada por um sargento*:

«Homem de grande estatura, bem apessoado, a sua figura impunha-se revelando certa superioridade e orgulho. Cabeça grande, fronte ampla e olhar intelligente, era sem duvida o primeiro da sua raça, a mais valente e ousada conhecida na Africa Oriental».

«O moral correspondia ao fisico, dentro dos limites do meio em que vivia. Esperto, mas dissimulado, desconfiava de tudo e de todos, não sendo facil convencel-o e muito menos vencel-o na sua argumentação. O alcoolismo não lhe tinha ainda embotado de todo o espirito.»

. Quando o Musilla morreu deixou a successão a Mundagaz seu filho mais velho, mas como havia um irmão mais novo, Mafamana, que tambem se julgava com egual direito, por ser filho da favorita mais antiga de Musilla, o Mundagaz ou Gungunhana mandou-o matar como quem corta o mal pela raiz.»

Inaugurou deste modo o seu reinado por um acto de crueldade, com que principiou a impôr-se por meio do terror e a fazer jus ao nome de guerra que adoptou de Invencivel. De resto o matar é a justiça corrente d'aquelles povos, que não conhecem outro castigo para os delinquentes.»

Sobre as condições em que este potentado cahiu prisioneiro, em Chaimite, extratemos um breve trecho do relatorio de Mousinhn de Albuquerque incerto no citado livro *A Campanha d'Africa contada por um sargento:*

«A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas vinte e cinco a trinta palhotas cercadas por uma pallissada de 1^{m},5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.»

«Era uma especie de cidade santa dos vátuas, e diviam ter-se alli passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao approximarmo-nos da povoação, encontrámos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne pôdre, e os pretos disséram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centimetros de largura.»

«Corri para ahi á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e interprete. Julguei, logo que entrei, que o regulo se defenderia, porque vi encostado á pallissada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão, corri logo sobre elles, e, ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem atraz de nós a testa da columna que derrubara as estacas lateraes da entrada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam fugido logo, e as praças brancas, sem ter quem os dirigisse, teriam provavelmente sido turcidados pelos 250 ou 300 pretos, que depois vi que estavam dentro da povoação.»

«Vendo logo, que os pretos fugiram, sahir de uma palhota proxima um homem de corôa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde sahira. Chamei-o muito de alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demorasse, quando vi sahir de lá o regulo vátua que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacase.

«Não se póde fazer ideia da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

«Mandei-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos dois soldados presentes e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu me muito altivo, que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (cousa que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era regulo dos *manguni* mas um matouga como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da palissada, além dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que havia no exterior mesmo proximo á palissada, levantaram grande alarido, batendo com as azagaias nas rodelas em signal de applauso e espanto.»

Assim ficou presioneiro o Gungunhana, conduzido para Lourenço Marques e ali embarcado a bordo do *Africa* com a sua comitiva de mulheres, seu filho Godide, seu tio Molungo, regulo Zichacha, etc., etc.

O *Africa* chegou ao Tejo no dia 13 de março de 1896, e toda Lisboa se recordará ainda de ter assistido á passagem nas ruas da cidade, do famoso regulo conduzido em caleche, escoltado por soldados de cavallaria, que o levou ao forte da Serra do Monsanto onde ficou preso com todos os da sua comitiva.

Então já não era o altivo regulo temivel da Africa Oriental, mas um pobre matouga preocupado com a ideia do castigo, que no seu pensar outro não poderia ser que a morte.

Pouco tempo se demorou, porém, no forte da Serra de Monsanto. O governo português mandou-o em junho d'aquelle anno para o castello de S. João Baptista, na ilha Terceira e deu-lhe por menagem a cidade de Angra do Heroismo.

Neste exilio fez o Gungunhana a sua profissão de fé baptisando-se e recebendo o nome de Roberto Frederico. Aprendeu a lêr e a fazer cestos de verga que vendia, augmentando assim seus parcos recursos que não iam além do soldo de sargento, que o governo português lhe abonava

Tanta vez tem sido acusados os nossos governos de esbanjadores, que em alguma coisa haviam de mostrar economia, ou antes miseria.

O Gungunhana fôra um potentado com quem Portugal muita vez tratou como que de potencia a potencia; dera-lhe até as honras de coronel e ajudara seu pae Muzila a vencer o irmão Maueua na contenda que com este tivera.

E' certo que o invencivel regulo nunca aceitou de boa vontade a suserania de Portugal, como seu pae tambem não a havia respeitado integralmente, mas o Gungunhana fôra, até certo ponto, um adversario leal, e tudo quanto fosse exaltar o vencido, maior gloria daria ao vencedor.

Gungunhana estava nestes casos. Elle proporcionara ás armas portuguêsas ensejo para o triumfo mais glorioso dos tempos modernos, e que assombrou toda a Europa até onde chegou noticia de tal feito. Isto bastava para dar ao vencido mais alguma consideração, dispensando-lhe os meios necessarios para uma subsistencia mais commoda e digna.

A alma portugueza é boa e generosa, mas quanta vez, não sabemos por que mau fado, os nossos governos comprommettem os bons sentimentos d'este povo.

PUBLICAÇÕES

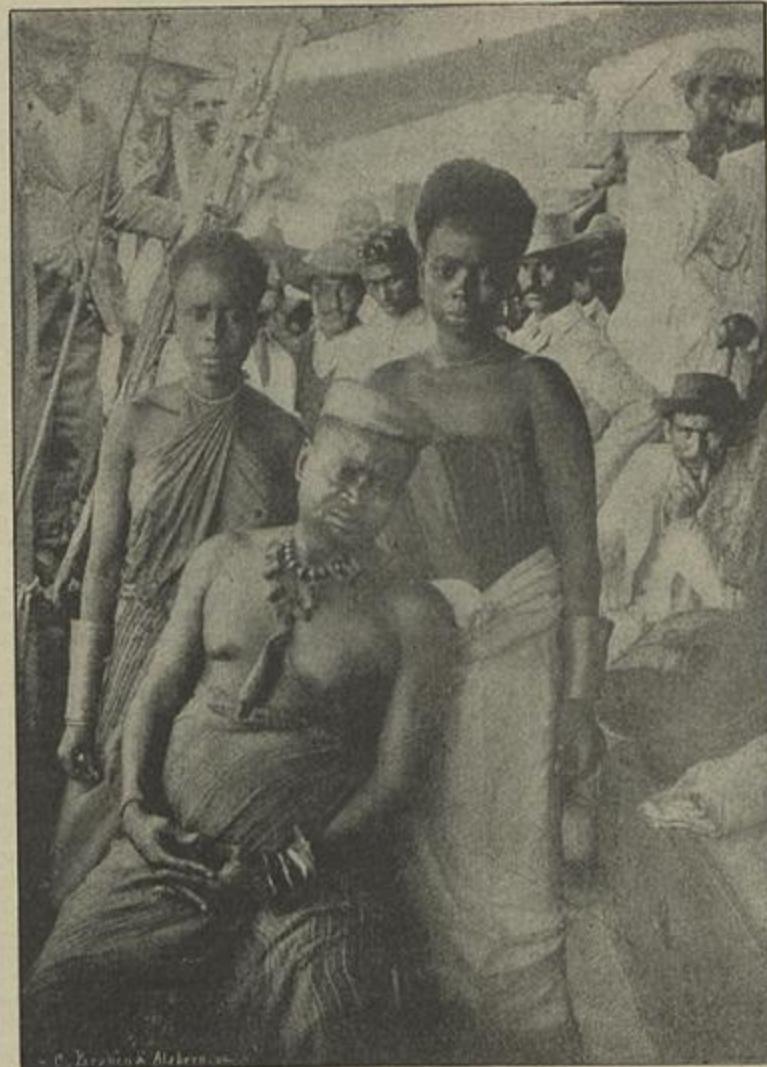
Discursos — *José Augusto de Magalhães, Quintanista de Medicina, Presidente da Sociedade Beneficencia Academica, Presidente honorario da Commissão Central Academica para recepção da Canhoneira «Patria». Orador official da Colonia Portugueza da Bahia. Prefaciado pelo eminente orador brazileiro Dr. Arlindo Fragoso. Bahia, 1905.* — Ainda não ha muito nos chegou

ás mãos com uma penhorante dedicatoria do autor este pequeno livro de 52 paginas, em nitida edição adornada com o retrato do sr. José Augusto de Magalhães, um português que não esquece a mãe patria, como se lê nas *Duas Palavras* com que precede os *Discursos:* «E poucas mais as que tentem justificar a presente publicação, que se inspira no desejo ardente de levar ás plagas de Além as effusões de reconhecimento, de que não cança a minh'alma de portuguez, á terra hospitaleira em que desabrochou a minha razão.»

Dois são os discursos impressos neste livrinho, pequeno pelo numero de paginas, mas grande pelo assunto. O primeiro discurso foi proferido na Sociedade Beneficencia Portuguêsa, no seu 41.º anniversario; o segundo, no Gabinete Português de Leitura, na sessão solemne para receber os oficiaes da canhoneira *Patria*, quando visitou a Bahia, em setembro de 1905.

São duas peças oratorias de valor quer na forma literaria quer na eloquencia, em que o sr. Magalhães inaltece tanto o valor dos portuguêses que em terras do Brasil se nobilitam por seu trabalho e fraternidade, como a patria brasileira que tão carinhosamente os acolhe. No segundo discurso maior é ainda o entusiasmo do orador, ao saudar, em nome da colonia portuguêsa, os oficiaes da Canhoneira *Patria* que ali iam, como que abraçar a patria brasileira digna filha da velha patria portuguêsa. Em todo este discurso se vê bem o grande entusiasmo com que portugueses e brasileiros receberam a visita dos oficiaes da *Patria*.

Com amor archivamos este documento historico que tanto honra Portugal.

Calendario da Fabrica de Bolachas da Pampulha.—E' sempre uma obra artistica e ao mesmo tempo patriotica o *Calendario da Fabrica de Bolachas da Pampulha*, que todos os annos nos visita, prendendo-nos sempre a atenção.

O proprietario desta fabrica, o sr. Eduardo Costa é um industrial tão ativo e zeloso dos produtos da sua industria, quanto homem de gosto e patriota, procurando sempre os melhores artistas portuguêses para a execução dos seus trabalhos e escolhendo sempre assuntos historicos e patrioticos para illustrar o Calendario. O deste anno refere-se á morte de Miguel de Vasconcellos na Restauração de Portugal, uma explendida aguarela de Roque Gameiro, primorosamente reproduzida nas oficinas litograficas da Editora á testa das quaes está o sr. Justino Guedes.

Este delicado brinde que o sr. Eduardo Costa oferece todos os annos aos seus numerosos clientes e amigos seria o melhor reclame á sua fabrica, se ella não se impozesse já pela excelencia das suas bolachas e biscoitos finissimos que produz, lançando constantemente no mercado marcas novas de variadas combinações.

Calendario da Fabrica de Cacau e Chocolate Iniguez.—Este calendario que é dos mais bonitos que temos visto e com que os srs. A. J. Iniguez & Iniguez brindaram os numerosos clientes da sua grande fabrica de Chocolate, bem conhecida pela superioridade dos seus productos, representa num primoroso chromo, a figura da Fortuna, essa deusa caprichosa que passa no mundo, sorrindo a uns e desprezando outros, sempre em sua carreira vertiginosa sobre a classica roda de que nos fala a mitologia.

E' o caso de dizer que os srs. Iniguez enviam uma linda *fortuna* aos seus freguezes e amigos, o que pela nossa parte agradecemos.

MUNDAGAZ GUNGUNHANA, QUANDO VEIU PRESIONEIRO PARA LISBOA
(*De fotografia*)